

MENSAGEM DE NATAL DO SR. PRESIDENTE DO TCAS
ALMOÇO DE NATAL DE 2015

MUDAM-SE OS TEMPOS, MUDAM-SE AS VONTADES,
MUDA-SE O SER, MUDA-SE A CONFIANÇA

“Toda a alma é clarão e todo o corpo é lama.

Ess´alma Universal,

*Essa concentração divina do Ideal, é de quem
sofre, é de quem geme, é de quem chora.*

É de todos os que vão pela existência fora (...)

Calcando o lodo e olhando os astros no infinito,

Rijas alavancas que hão-de erguer este globo ao nível do Ideal”.

Guerra Junqueiro, in Obras

O eterno aprendiz que há em todos e em cada um de nós, terá de lapidar-se pacientemente, como Miguel Ângelo o fez com o mármore bruto em busca da sua obra-prima. Há que sedimentar, assimilar e escrever a nossa petite histoire segundo um princípio de co-responsabilidade inevitável que mescla imperiosamente alguns fundamentos da psicologia e da filosofia.

Nós nunca vivemos fora do sistema, quer queiramos quer não, nós fazemos parte dele. Mas podemos assumir a atitude de “nós e eles”, no sentido de que a nossa alma, o nosso mundo interior, não se confunde nem se rende ao sistema e, assim, pois, no meu mundo, as pessoas são transparentes; no mundo dos dominados pelo sistema, eles (os outros) escondem-se atrás dos sorrisos, da estética. No meu mundo, as pessoas têm tempo para investir no que amam; no dos outros, elas são transformadas em máquinas de trabalho e consumo.

Não obstante, a sociedade organizada está doente em milhentos aspectos, mas o princípio da co-responsabilidade inevitável demonstra que é impossível haver dois sistemas distintos. O que existe são duas

maneiras de ver e actuar no mesmo sistema. As pessoas nunca estão completamente separadas umas das outras.

Este princípio da co-responsabilidade inevitável, sobre o qual discorrem muitos filósofos, entre os quais Augusto Cury em “A Saga de Um Pensador – A Paixão Pela Vida”, cujo discurso vamos acompanhar, demonstra que as relações humanas são uma grande teia multifocal. Revela que ninguém é uma ilha física, psíquica e social dentro da humanidade. Todos somos influenciados por outros. Todos os nossos actos, quer sejam conscientes ou inconscientes, quer sejam atitudes construtivas ou destrutivas, alteram os acontecimentos e o desenvolvimento da própria humanidade.

Qualquer ser humano — intelectual ou iletrado, rico ou pobre, médico ou doente, activista ou alienado — é afectado pela sociedade e, por sua vez, interfere nas conquistas e perdas da própria sociedade através dos seus comportamentos. Significa isto que todos são co-responsáveis pelo futuro da sociedade e, conseqüentemente, pelo futuro da humanidade e do planeta como um todo.

Os nossos comportamentos afectam de três modos as pessoas: alteram o tempo delas; alteram a sua memória, através do registo desses comportamentos; e alteram a qualidade e frequência das suas reacções. Alterando o tempo, a memória e as reacções das pessoas, modificamos o seu futuro, a sua história.

Na verdade, os comportamentos mais insignificantes podem provocar grandes reacções na História. O espirito de um norte-americano pode afectar as reacções das pessoas no Médio Oriente. Uma atitude de um europeu, por mínima que seja, pode interferir no tempo e nas acções da China.

Passando da teoria para outros exemplos:

O padeiro que fez pão no século XV em Paris afectou o tempo e a memória da dona de casa que o comprou, afectando as reacções dos seus filhos, que, por sua vez, alteraram os comportamentos dos seus amigos, vizinhos, colegas de trabalho, os quais, numa reacção em cadeia, influenciaram a sociedade francesa da sua época e de outras gerações. Assim, numa sequência ininterrupta de eventos, o padeiro do século XV influenciou, séculos mais tarde, os pais, amigos e, conseqüentemente, a formação da personalidade de Napoleão, que afectou o mundo.

Hitler, em 1908, mudou-se para Viena com o objectivo de se tornar pintor.

O professor da academia de belas-artes que o rejeitou afectou o seu tempo, a sua memória, o seu inconsciente. Por sua vez, influenciou a sua afectividade, a sua compreensão do mundo, as suas reacções, a sua luta no partido nazi, a sua prisão, o seu livro. Todo este processo interferiu na eclosão da Segunda Guerra Mundial, que afectou a Europa, o Japão, a Rússia, os EUA, mudando o rumo da humanidade.

Se Hitler tivesse sido aceite na escola de belas-artes, talvez tivéssemos um artista plástico, ainda que medíocre, e não um dos maiores psicopatas da História. Não quer isto dizer que a psicopatia de Hitler seria resolvida com a sua admissão na escola de Viena, mas poderia ser atenuada ou talvez não se manifestar.

Um índio numa tribo isolada da Amazónia também afecta a História. Ao abater um pássaro, este deixará de produzir ovos, de os chocar e de ter descendentes, afectando o consumo de sementes, os predadores e toda a cadeia alimentar, o ecossistema, a biosfera terrestre.

Além disso, a ausência de descendentes do pássaro abatido afectará o processo de observação dos biólogos, interferindo nas suas reacções, pesquisas, livros, universidade e sociedade.

Uma pessoa que se suicida não deixou de actuar no mundo social já que o acto do suicídio alterou o tempo dos amigos e parentes e, principalmente, despedaçou a emoção e a memória deles, gerando vácuo existencial, lembranças e pensamentos perturbadores que afectarão as suas histórias e o futuro da sociedade.

Ninguém desaparece quando morre. Viver com dignidade e morrer com dignidade deveriam ser tesouros cobiçados ansiosamente. Portanto, o princípio da co-responsabilidade inevitável demonstra que nunca podemos ser uma ilha na humanidade. Nunca deveria existir a ilha dos norte-americanos, dos árabes, dos judeus, dos europeus. A humanidade é uma família que vive numa complexa teia. Somos uma única espécie. Deveríamos amá-la e cuidar dela, caso contrário não sobreviveremos.

Inevitavelmente somos todos responsáveis, em maior ou menor grau, pela prevenção do terrorismo, da violência social, da fome mundial.

O jovem aprendiz apreende, em contacto com o seu mestre e os homens velhos, que as reacções dos outros podem afectar-nos fraca ou intensamente. Ver um filme, conversar com um amigo, elogiar alguém, pode mudar pouco ou muito o curso das nossas vidas.

Veja-se ainda o caso de um aluno humilhado pela professora porque não conseguira ler correctamente um parágrafo. Ela pediu que ele repetisse várias vezes a leitura do texto, sendo alvo da troça dos colegas. O registo daquela experiência tinha bloqueado a inteligência do aluno, gerando gaguez e insegurança e afectando drasticamente o seu futuro como pai e como profissional. Nunca mais conseguiu falar em público.

Eu não quero assumir-me aqui como o mestre que fala ao aprendiz, mas, face à antecedente explanação, somos obrigados a concluir que não é possível haver sistemas socialmente isolados ainda que no máximo se admita que há sistemas que comunicam pouco, mas não são isolados.

Subir para um banco numa praça, declamar uma poesia ou pedir dinheiro para comprar um pão são reacções que interferem na dinâmica dos comportamentos das pessoas que o ouviram, interferindo, por sua vez, nos seus colegas de trabalho, na sua empresa, na sociedade, no comércio internacional. Por isso, cada um fechar-se no seu mundo pode ser um acto egoísta.

Daí que o isolamento pode ser um acto egoísta; todavia, quem se fecha dentro de si mesmo porque a sociedade o excluiu e o discriminou, mas superou-se, tornou-se um sábio. Essa mesma sociedade que o feriu precisa das suas ideias e da sua coragem para se transformar pois estamos sempre a interferir na memória e no tempo dos outros. A memória e o tempo unem-nos numa inevitável rede. Eu influencio o mundo dos outros e sou influenciado por ele. Não é possível a alguém alienar-se ou isolar-se socialmente de maneira pura, completa, absoluta. É que a ausência de uma reacção é já em si uma acção, é a acção da não-reacção. A não-reacção contribui para a acção dos outros. Assim como uma pessoa que se suicida continua a interferir na história dos que lhe são próximos, um pai que se torna um sem-abrigo continua a interferir no seu próprio filho. Embora seja doloroso, a sua ausência desencadeou uma sequência de eventos que influenciaram a personalidade do filho. Todas as vezes que ele o procurou e não o encontrou ou teve de explicar

a alguém a sua ausência, alterou fortemente as suas emoções, pensamentos, auto-estima. Portanto, nunca deixou de ser co-responsável por ele.

Destarte, não conseguimos fugir dos outros porque não conseguimos fugir de nós mesmos, pelo que, para nos aperfeiçoarmos, teremos de romper o nosso casulo, ainda que isso represente um grande preço a pagar para reconstruir a nossa história. Os problemas que teremos de enfrentar serão enormes. Teremos de nos deparar com predadores dentro e fora de nós.

E isso pode causar medo! Medo de nós mesmos. Medo de nos enfrentarmos. Medo de caminhar por estradas que nunca pisámos e as quais pensámos pisar.

Mas ânimo! O medo pode ser um excelente mestre. Tira reis do seu trono e ensina-os a serem o que sempre foram: frágeis seres humanos.

Todos nós temos uma criança para encontrar. Uns dentro, outros fora de si. Precisamos de achar a de fora, sem perder a de dentro.

Ora, estamos aqui reunidos a propósito da celebração do nascimento de uma criança e num momento histórico em que perseguem e matam aqueles que nele acreditam não como mera prosopopeia do Amor, mas como o Ser do Amor que nos permite achar a criança de fora e encontrar a de dentro de nós.

Isso porque, depois de se ter declarado a morte de Deus e de se continuar a matar em seu nome, Ele afinal existe, ainda que abscondito.

É esse Deus que é descrito num diálogo intitulado *De Deo Abscondito*, o mais pequeno opúsculo de Nicolau de Cusa escrito por volta de 1445 e editado pela primeira vez em Paris em 1514 o qual recentemente me foi facultado pelo Sr. Presidente emérito, Dr. Xavier Forte e que foi o texto teo-filosófico que mais me marcou nos últimos tempos e me serviu de farol para analisar todos os dramas, injustiças, contradições e toda a fenomenologia dos pólos opostos que ocorrem no sistema e de que atrás dei nota.

Através deste pequeno diálogo percebemos as ideias já amadurecidas muito características de Nicolau de Cusa, vertidas no tratado «*De docta ignorantia*» das quais resulta que só à luz da

mentalidade desta obra é que ele se pode entender: a impossibilidade de atingir perfeitamente a verdade, a incompreensibilidade e inefabilidade de Deus, a união e superação dos opostos no Ser infinito exercem uma influência decisiva na condução do diálogo que se apresenta como um triunfo prático da «ignorância douta», sendo graças a este triunfo que ressalta a peculiaridade do Deus dos cristãos como «Deus escondido», segundo a frase de Isaías: «Vere Tu es Deus absconditus» (Is., XLV, 16).

Como limpidamente transparece do diálogo, este assume-se como de índole estritamente apologética, logo, filosófica. Por isso que, suposta a existência de Deus, na qual o gentio já acredita, intenta-se mostrar que o verdadeiro Deus tem de ser não múltiplo, como o da gentilidade, não manifestado ou colocado ao nível das coisas, mas oculto, vale dizer, transcendente a todas as coisas.

É este o cenário: um gentio, impressionado ao ver um cristão a orar, interroga-o sobre o motivo desse recolhimento. Aproveitando esta disposição, o cristão vai mostrar que o Deus que adora é o único verdadeiro, o que faz trilhando três degraus:

No primeiro patamar, a verdade, no sentido pleno, é só uma, mas oculta, porque nunca se pode atingir perfeitamente; a respeito dela, só podemos aspirar a uma «douta ignorância»;

No segundo plano, demonstra-se que os gentios não adoram o verdadeiro Deus, porque adoram a pluralidade,- um deus não oculto, mas manifesto, ao qual falta a excelência e a intimidade do mistério, pois não está no âmbito da «douta ignorância».

A doutrina da coincidência entre unidade e verdade é demonstrável porquanto o deus do gentio não é «escondido», conhece-se manifestamente, porque não é uno, mas múltiplo,- adorado apenas através das suas diversas manifestações na natureza. Usando uma terminologia peculiar de Nicolau de Cusa, o deus dos gentios está no âmbito da «ratio», e por isso é manifesto; o Deus dos cristãos, perfeitamente uno, é do âmbito do «intellectus», e por isso é «oculto»,- «entende-se dum modo incompreensível. No ponto, há que assinalar uma clara aproximação entre Nicolau de Cusa e Leonardo Coimbra quando este também se impressiona perante Deus como o «Grande Solitário Inacessível» (in *A Alegria, a Dor e a Graça*, 2.^a ed., Renascença

Portuguesa, Porto, 1920, p.111) e como «Realidade Irracional», «porque nenhuma quantidade a pode medir, nenhuma qualidade a pode esgotar» (ib., p. 182).

No terceiro grau, o Deus dos cristãos, pelo contrário, é «oculto»; em virtude da sua excelência está para além de tudo e une incompreensivelmente todos os opostos, superando-os. Só o atingimos numa «douta ignorância», como unidade transcendente, que é princípio de toda a multiplicidade. Por isso, é o único Deus verdadeiro.

A razão e a espiritualidade, embora sejam conceitos diferenciados, complementam-se e articulam-se, surgindo as dialécticas como vivificadoras do espírito que deve prevalecer sobre a matéria porque um ser espiritual não acaba nos limites do seu corpo natural pois morremos para que a morte supere a vida.

Só por meio de uma visão filosófica da liberdade assente nas infinitas capacidades do pensamento que dinamicamente se liberta de determinismos naturais, sociais e mecanicistas nos poderemos libertar dos sistemas estáticos que, na senda de Leonardo Coimbra, O Criacionismo – Esboço de um Sistema Filosófico, p. 305 (...) são, mais ou menos incompletos. Se o Universo fosse um mecanismo apareceria, à primeira vista como decifrável todo o seu ser”.

Ora, segundo o mesmo pensador, o espaço é homogéneo, contínuo e infinito, susceptível de receber todas as formas e movimentos, ou, essencialmente uno, é nele que o múltiplo ocorre. O Tempo e o Espaço são informados e realizados por noções; não existem em si e para si. O mundo não teve um começo no tempo, porque o tempo não existe em si; o mundo não tem um limite no espaço, porque o espaço não é em si, voando em pensamento ao fim do mundo, ele continuará.

É que nem o universo nem o homem que nele vive são inertes, sendo todas as noções materiais, experimentais e mecânicas “noções inferiores (que) são a base da pirâmide. É sobre a sua sólida rigidez que as noções superiores de fim, liberdade, etc., se enraízam. Mas lá no vértice podem desabrochar flores muito diferentes. Em baixo têm as raízes, o solo fecundo e a seiva murmura, mas como deduzir com segurança a beleza da flor? Se o vértice é a flor ideal da liberdade criadora, que se pode deduzir do conhecimento da base, se ela assim é

pela atracção irresistível do vértice divino?» - Leonardo Coimbra, ob. Cit. pág. 2.

Evocando, mais uma vez o poeta de Barca D'Alva, vizinha da minha terra, Junqueiro, «o problema da morte é, no fundo, o problema da vida» -OGJ, pág. 915. Esse abutre da desilusão e do desespero, o abutre satânico, o abutre invencível emerge como despojador da felicidade, argumentando que a perfeição completa das almas exige a imortalidade- idem, pág. 1040.

Este lamento junqueiriano, resulta de ele ter vivido dolorosamente a grande tragédia da existência e, essa desarmonização entre o espiritual-ideal e o real, essa falta de correspondência, representa, não só a dialéctica que separa o próprio indivíduo em, no mínimo, duas faces, a que habita a dimensão inferior da existência, e uma outra que nele é feita do chamamento dos limites, a face desejante da revelação do absoluto. Na expressão de Junqueiro, «a matéria vai morrendo à medida que o espírito vai nascendo: o termo da primeira é o Nada, o termo do último é o Infinito».

A essa luz, o mundo está sempre por fazer, e o homem deve actuar nele como infatigável obreiro, trabalhando a pedra para criar e construir livremente, subordinando o pensamento, a palavra e a acção a fins ideais que possam dignificar a vida. O homem não é uma inutilidade num mundo feito, mas obreiro de um mundo a fazer porque, como resulta daquilo que podemos em espírito ver revelado do nosso “Deo abscondito», descendo Deus (cristão) ao nível da humanidade, devemos empenharmo-nos para levantar a humanidade ao nível de Deus, «criador puro, que cria sem precedentes, por cuja actividade brotaram e brotam os seres, fonte e contínua sustentação do criado» na certeza de que a sociedade humana é mais que os obreiros que a constituem e que renascem em cada trabalho que executam qual fénix renascida!

Claro que falo para os crentes, certo de que estão entre nós os que não crêm.

A esses me dirijo agora para afirmar que não há Esperança sem Fé servindo-me do ensinamento profundamente prestado por Henrique Monteiro no Expresso do dia 28 de Novembro.

Evocando-o, há que recordar que das três virtudes teologais — Fé, Esperança e Caridade (ou amor) — apenas a esperança faz parte do

léxico político pois é patente que sempre que se inicia um ciclo político ou há uma qualquer viragem, a palavra esperança surge em boa parte das bocas e dos pensamentos, porque sem esperança a vida se torna impossível. Um político, seja qual for, que não aja em nome de um objectivo esperançoso não mobiliza os eleitores que lhe são necessários à chegada ao poder.

Mas a palavra fé nunca é utilizada quando é também manifesto que não pode haver esperança se a fé não existir. E, por respeito pelos que a não têm, obviamente que não falamos na fé no sentido religioso do termo, mas no seu sentido etimológico, no da origem da palavra, a qual radica em fides, uma palavra latina que significa confiança, honestidade, lealdade. Estes dois conceitos estão absolutamente ligados; tanto quanto a Liberdade e a Igualdade, porque de pouco ou nada serve existir uma sem a outra, sendo a Liberdade considerada o topo da pirâmide (talvez por isso figure em primeiro na trilogia, assim como a palavra Fé, antecede Esperança).

E essa fé a que se alude é, em primeiro lugar, a confiança na nossa própria civilização e cultura e nas nossas tradições, apesar das contradições e absurdos do sistema em que vivemos e que antes descrevemos.

Como se afirma no poema hamiliano “Todo o Imperador Sanguinário” da obra “Present”: “Mantemo-nos acreditando na natureza humana. Mas a nossa fé diminuiu – vai-se desvanecendo... nós somos apenas servos e escravos enquanto o Império decai...”

É por isso que é muito difícil mantermos a esperança, quando olhamos em volta e vemos o nosso modo de vida ameaçado por terroristas; quando sabemos que podemos ser mortos numa esplanada, num jogo de futebol ou num pacato concerto. É difícil a esperança quando forças poderosas que não controlamos (como a globalização) colocam sob pressão o nosso Estado social.

E se essa fé não existe é praticamente impossível transmitir um clima de esperança. É evidente que a fé, de um ponto de vista religioso, se refere a uma transcendência, a uma vida para lá da vida que confere a esperança da justiça final e da vida eterna numa nova Jerusalém. Mas a confiança, a honestidade, a lealdade a que se refere a outra fé, chamemos-lhe laica, é igualmente indispensável à esperança de um

novo e diferente ciclo, de uma vida decente. Ora são estes os conceitos que há necessidade de restaurar para que a esperança ressurgira. Não é uma tarefa de um Governo, de uma instituição, mas de todos.

Não pode haver esperança sem esta fé, como não há liberdade caso não haja justiça. Refazer esse tecido rasgado que é a probidade e a confiança é o que urge.

O Natal, como afirma o escritor Frederico Lourenço no texto “Natal- a verdade de uma ficção” tem uma verdade essencial. E essa verdade é tragicamente ilustrativa da condição humana. Se o facto de o Filho de Deus não ter vindo ao mundo num esplendoroso palácio (mas sim na palha de um estábulo) sugere a mais requintada das verdades poéticas, já o massacre dos inocentes ordenado por Herodes faz soar uma nota amargamente realista, visto que genocídios e massacres pautam desde sempre a história da Humanidade. Deus decidiu vir ao mundo? Então o mundo é isto: é um lugar onde um bebé recém-nascido não só não tem abrigo condigno como está na iminência de ser morto à nascença. Mais tarde, nesse mesmo Menino já crescido, cuspir-lhe-ão em cima, troçarão dele, arrancar-lhe-ão a roupa, fustigá-lo-ão de forma cruel, crucificá-lo-ão. Este Deus não veio ao mundo para ser recebido como Deus, mas como um marginal, um criminoso, um “pobre de Cristo”. Nesta mais extraordinária de todas as ideias (lindíssima, sim) é possível – e preciso – acreditar.

A nossa reunião aqui, é um pequeno contributo para a construção esperançosa de uma vida melhor em que vinguem a fé e a caritas e que estão condensados na oração PAI – NOSSO EM ARAMAICO que a seguir vos direi.

Essa oração derivou da versão actual do “Pai-Nosso”, a prece ecuménica de Jesus Cristo. Ela está escrita em aramaico, numa pedra branca de mármore, em Jerusalém/Palestina, no Monte das Oliveiras, na forma que era invocada pelo Mestre Jesus.

O aramaico era um idioma originário da Alta Mesopotâmia (Séc. VI a.c.) e a língua usada pelos povos da região. Jesus falava sempre ao povo em idioma aramaico. A tradução directa do aramaico para português (sem interferência da Igreja), mostra-nos como esta oração é bela, profunda e verdadeira, condizente com o Mestre Jesus.

Pronunciemo-la:

Pai-Nosso, respiração da
Vida, Fonte do som, Acção
sem palavras, Criador do Cosmos!

Fazei a Vossa luz brilhar
dentro de nós, entre nós,
e fora de nós para que
possamos torná-la útil.

Ajudai-nos a seguir o nosso
Caminho, respirando apenas
o sentimento que emana do
Senhor.

Que o nosso EU, no mesmo passo, possa
estar com o VOSSO, para que caminhemos como Reis e Rainhas
com

todas as criaturas.

Que o vosso e o nosso desejo, sejam
um só, em toda a Luz, assim como
em todas as formas, em toda a existência
individual, assim como em todas as
comunidades.

Fazei-nos sentir a alma da Terra dentro
de nós, pois, assim, sentiremos a
Sabedoria que existe em tudo.

Não permitais que a
superficialidade e a aparência
Das coisas do mundo nos
iludam.

E, libertai-nos de tudo aquilo
que impede o nosso crescimento.

**Não nos deixeis ser tomados
pelo esquecimento de que o
Senhor é o Poder e a Glória
do mundo, a Canção que
se renova de tempos em tempos
e que a tudo embeleza.
Possa o Vosso amor
Ser o solo onde
Crescem nossas acções.
Que assim seja!**

É por isso e para isso que desejo, em meu nome e no da instituição que represento, a todos os que nela labutam ou labutaram e aos seus entes mais queridos, um Feliz Natal e um Novo Ano verdadeiramente Novo!

Brindamos para que assim seja!

Disse.